



PALCO

JUIZ DE FORA, MARÇO, 2010. ANO II, Nº 14

1929 NASCE UM TEATRO

Há 80 anos, o que seria um programa ideal para um sábado à noite? Que tipo de apresentação era mais comum e quais os artistas mais badalados? Resgatando a agenda do Cine-Theatro Central no ano de sua inauguração, as respostas não serão claras, já que a variedade da programação levou ao seu palco atrações muito diversas. Se, por um lado, a diversidade já anunciava o Central como um espaço aberto a todos os gêneros, por outro a miscelânea da programação refletia o universo do entretenimento da época, numa mistura excêntrica de espetáculos de feira com ventriloquos e faquires e apresentações mais nobres, como as de companhias líricas e orquestras. Do popular ao erudito, o Central acolhia a todos sem preconceito.

Um pouco dessa mistura já se observava em março de 1929, quando mais de três mil pessoas compareceram à cerimônia de inauguração do Central. O filme *Esposa alheia*

das para a cidade, com três grandes figuras em seu elenco: o cômico Campelli, o soprano Venusta Carlotti e a soubrette Gina Bianchi. A estreia aconteceu com a peça de Franz Lehár, *Frasquita*. Durante a temporada, Juiz de Fora foi a quarta cidade da América Latina a acompanhar *Venditrice della Strada*, de Walter Kröll.

Essa abertura do espaço à diversidade de eventos transformou o Central em local preferido para um tipo de solenidade que se reproduz até hoje em seu palco: 315 alunos receberam em dezembro de 1929 seus diplomas por conclusão do curso primário nos Grupos Escolares Centrais – Delfim Moreira, José Rangel e Estevam de Oliveira.

A música clássica também seria determinante naquele primeiro ano: em 27 de agosto, números com Lola Carelli, soprano lírica que vinha obtendo êxitos nos seus recitais no norte do país e em Belo Horizonte; em novembro,



GRETA GARBO e POLA NEGRI

NESTA EDIÇÃO

FOTOGRAFIA

TÉCNICA E
TESTEMUNHO VISUAL

PERFIL

CARLOS BRACHER

MEMÓRIA

A ERA DOS BONDES

ENTREVISTA

DANIEL PIZA

CORAL UNIVERSITÁRIO

CONSAGRAÇÃO À
MÚSICA

foi a primeira atração apresentada no teatro. Norman Kerry e Pauline Starke estrelavam a produção, que contou com a sonoplastia da Orquestra do Central – composta por onze músicos – que executaram naquela mesma noite um programa de composições clássicas: *Cortège Oriental*, de L. Ganne / *Marcha inicial*, de Duque Bicalho / *Tapis D'Orient*, de G. Burgmeier / *Les Aulnes*, de A. Gauwin (valsa).

“O novo teatro, de que os juizdeforanos podem se orgulhar justificadamente, é, sem favor, um dos maiores e melhores do Brasil. É uma obra de grande vulto, não só material, como também afirmação de progresso cultural do povo”, descrevia o Diário Mercantil. O Correio de Juiz de Fora também elogiaria: “É um verdadeiro monumento a arte e gosto a nova casa. Tem saídas amplas pela S. João, onde o Teatro apresenta também uma fachada vistosa, embora mais modesta que a da frente.”

O mais belo teatro da cidade era requisitado para os mais nobres eventos da sociedade. Comuns eram os festivais em benefício de causas religiosas, e o Central se tornou cenário de alguns já em seu primeiro ano. Em maio, uma comissão de senhoras organizou uma festa para arrecadar fundos em prol da construção de um altar para Nossa Senhora do Sagrado Coração, na Matriz de São Mateus. Ainda naquele mês, foi realizado um festival em benefício das obras na Matriz de São José, no Bairro Botânica, com a presença da pianista Dinorah França Americana.

Em agosto chegava ao Central a Companhia Excelsior, do Rio de Janeiro, que apresentaria uma temporada de sainetes e revistas, estreando com *Queijo de Minas* em 15 atos. O público prestigiou as revistas *Peço a palavra* e *Cabecinhas ao vento*, que apresentava a rainha do tango, Tita Grey, dançando e cantando números do seu repertório, num sainete musicado.

Em novembro, o Central receberia o maior grupo de operetas que já se apresentara em Minas. A Companhia Italiana Clara Weiss importou 28 operetas ricamente monta-

a exibição única do violinista russo Jagudin, e grande concerto organizado pelo Centro Musical de Juiz de Fora.

O ano, porém, não foi marcado somente por espetáculos eruditos e elaborados, mas por apresentações de cunho popular, frequentes após as sessões cinematográficas. Esses shows incluíam apresentações de ventriloquos com trupes de bonecos e faquires, que executavam truques de resistência ou magia, como caminhar sobre fogo ou deitar sobre cama de pregos. Em julho, o jovem artista cearense Edson Alcântara promoveu grande festival com sua irmã Nadyr, “graciosa e inteligente bailarina”, enquanto outro grupo, o duo Os Achiléos, apresentou variado repertório de sketcks, canções e tangos.

O cinema, claro, era uma das principais atrações do Central. A nova arte entretinha o público e, já na noite de inauguração do cine-teatro, o deputado Francisco Valladares decretara: “O cinematographo conquistou o mundo. A transmissão do pensamento do homem ao seu semelhante, que tinha por veículos principais o jornal e o livro foi formidavelmente accrescida pelo cinema.” Em 1929, passaram pela tela do Central grandes estrelas do cinema internacional, como Greta Garbo, que estrelou *A rua das lágrimas* – seu último trabalho na Alemanha antes de partir para Hollywood.

Cumprindo seu papel de recinto da arte, o teatro recebeu no foyer do primeiro andar, em dezembro, uma exposição do artista plástico Francisco Coculino. Em turnê pelo interior do Brasil, o pintor recolhia em suas telas os aspectos das paisagens que visitava para a produção das obras que integrariam, no ano seguinte, exposições no Uruguai e Argentina. Palco, enfim, das mais ecléticas manifestações, o primeiro ano das oito décadas de história do Central o consagrará como casa de espetáculos no sentido mais amplo possível e, principalmente, como refúgio para os admiradores da arte.





FOTOGRAFIA MEMÓRIA E CONTEMPLAÇÃO

A fotografia desenha uma história de pluralidade e de evolução tecnológica, a começar por Nicéphore Niépce, que, em 1826, registra a primeira fotografia, uma natureza morta, e logo depois uma paisagem, e tenta fixá-la sobre vidro e estanho. Conta-se aí o primeiro registro fotográfico. A demanda por um longo tempo de exposição foi um grande empecilho, mas estava marcado o princípio da fotografia.

Na busca pelo aperfeiçoamento da escrita com a luz, o francês Louis Daguerre e o inglês Fox Talbot se aprofundaram em pesquisas para possibilitar aos amantes daquela nova técnica de reproduzir imagens recursos para diminuir o tempo de exposição e de imprimir cópias ilimitadas. A partir destas descobertas, todo o processo da fotografia analógica irá permear a qualidade dos suportes negativos e positivos e o melhor processo químico, adaptável a cada suporte, chegando até a fotografia digital nos dias atuais. A evolução dos procedimentos fotográficos irá influenciar a maneira de fotografar e a escolha dos temas fotografados. A técnica de reprodução da realidade requer trabalho minucioso e olhar apurado para compor a imagem desejada ou criar documentos históricos.

O avanço tecnológico permitiu maior liberdade na construção destes testemunhos individuais da realidade que tiveram, no século XX, devido aos grandes acontecimentos históricos da época, um alto valor documental, e a fotografia passa a imprimir toda a sua pluralidade. Seja nos coberturas de conflito, marco da utilização da câmera de 35mm,

principalmente na década de 1930, no fotojornalismo, na publicidade, nas fotos familiares, de viagens e documentais e como ferramenta na arte contemporânea, a imagem fotográfica ocupa, desse modo, a posição de protagonista na atual sociedade imagética.

Como tal, possibilita um número infinito de registros e se perpetua como memória social, possibilitando construir e resgatar a identidade do cidadão, presente no comportamento das pessoas, na maneira de se vestir e de se relacionar, nos lugares, na história da cidade e na sua arquitetura, que, infelizmente, está sujeita às ações da natureza e do homem. Neste cenário de constantes mudanças, o fotógrafo tem fundamental importância na preservação da memória, contribuindo com seus testemunhos visuais, construídos a partir da sua história pessoal, cultural, social, política e econômica, ou seja, de sua identidade, que desenha o seu olhar.

As cidades surpreendem com seus personagens, vielas, ruelas, museus, teatros, com suas edificações modestas e nobres, muitas vezes escondidas ou mesmo explícitas, um campo rico para o olhar fotográfico, que possibilita o registro documental ou a criação artística. Tudo isso tem um gosto muito especial quando nos reconhecemos nela. Assim como Juiz de Fora nos brinda com as Ângelas, Antônio, Marias e José, com as suas construções *art déco* e *art nouveau*, suas praças, seu outono rosa, suas casas abandonadas, suas sutilezas, que o olhar minucioso busca e oferece à contemplação, assim é a fotografia.

Nina Mello, fotógrafa

PERFIL CARLOS BRACHER

Para entender a vida do artista plástico Carlos Bracher é necessário mergulhar fundo na história de toda a família. Em janeiro de 1940, Waldemar Bracher chegava de Belo Horizonte trazendo esposa e quatro filhos: Décio, Nívea, Paulo e Celina. Carlos, o caçula, nasceria em dezembro daquele ano. A influência do tio, o pintor Frederico Bracher Jr., foi determinante para estabelecer o envolvimento da família com as artes plásticas. "Nosso tio foi a base de tudo aqui", sentencia Carlos, sentado em meio aos irmãos, os também artistas Décio e Nívea, na sala de estar do lendário Castelinho dos Bracher. "Nunca fui aluno dele, mas sofri uma influência 'astral': era uma pessoa extraordinária, uma espécie de mago que pintava, tocava violino, confeccionava instrumentos musicais."

Na segunda metade da década de 50, Carlos passou a frequentar a Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras, onde encontrou outros pintores que se tornariam expoentes das artes em Juiz de Fora. Aquela seria considerada a época de ouro da Parreiras, por reunir artistas experientes e nova geração – que contribuiria para modernizar a pintura na cidade. "Foi uma safra muito boa. Estávamos no momento certo, numa boa conjunção de energia, de idade, de amizade", analisa Carlos. E era na base da amizade que trocavam conhecimento. "Aprendíamos uns com os outros, não havia professor."

Em 1963, com a transformação da residência da família – o Castelinho – em ateliê, os artistas da cidade ganharam mais um ponto de encontro. "Nossa casa exercia o papel de *campus* universitário numa época em que a UFJF ainda estava muito incipiente", analisa Nívea, referindo-se à efervescência cultural do ateliê. O Castelinho também abrigava a volumosa produção artística da família, com obras de arte espalhadas por todo canto.

Pouco depois, em 1965, a irmã e também pintora Celina Bracher faleceria precocemente, aos 30 anos. Em sua homenagem, Carlos, Décio e



Nívea criaram a Galeria Celina. Além de exposições, havia sessões de cinema, apresentações de teatro, cursos e os ensaios do Coral Pio XII, embrião do atual Coral Universitário. "Aquilo era um turbilhão!", descreve Carlos. Ele e os irmãos se dedicaram por inteiro à galeria. A entrega foi tamanha que, por algum tempo, chegaram a deixar de lado a pintura. Foi aí que a então namorada do artista, Fani, também começou a pintar. "Como Carlinhos nunca tinha tempo para a pintura, a Fani começou a pintar para provocá-lo", revela Nívea. Os dois se casaram em 1968 e, em seguida, viveram por dois anos na Europa. A viagem foi viabilizada pelo "Prêmio de Viagem ao Exterior", láurea máxima do Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, que Carlos recebeu em outubro de 1967.

Suas telas nunca mais seriam as mesmas. "Eu era um pintor mais intrépido, bruto, caótico e desordenado. Depois da viagem, passei por uma fase de apaziguamento, minha obra ficou um pouco aveludada." O tempo que passou no Velho Continente e as informações que lá absorveu visitando museus levaram-no a aprimorar a técnica. "O Carlinhos começou com a poética, e depois foi aprender a gramática", resume Décio. Ele próprio demorou a assimilar a mudança. "Perdi um pouco o meu dó, a nota central."

A maturidade artística viria dez anos após o retorno ao Brasil, quando atingiu uma síntese entre as duas fases. "Hoje, minha obra tem certo 'peso' próprio do que eu fazia no início da carreira, porém com a inserção do que aprendi nesse período em que estive fora." Atualmente, o artista está em cartaz na Europa com a exposição "Retrospectiva de Carlos Bracher", que começou em Luxemburgo em novembro de 2007 e já passou por Alemanha, Rússia e República Tcheca. Carlos e Fani Bracher fixaram residência em Ouro Preto, em 1971, e tiveram duas filhas: a jornalista Blima Bracher e a atriz Larissa Bracher.

GP



MEMÓRIA NOS TRILHOS DA HISTÓRIA

As modestas ruas e avenidas do final do século XIX passaram a ser riscadas pelas linhas do progresso com a implantação do transporte urbano em Juiz de Fora. Sobre o trilho dos bondes, os cidadãos principiavam o ano de 1881 com a promessa de expansão que o transporte trazia. Naquele ano, um contrato entre o Governo Provincial e os fundadores da Companhia Ferrocarril Bondes de Juiz de Fora, Eduardo Batista Roquete Franco e Felix Schmidt, previa a instalação de uma linha férrea para o transporte de passageiros e cargas, inaugurada em 15 de novembro do mesmo ano.

Juiz de Fora demonstrava, mais uma vez, ser pioneira: iniciava-se aqui a história dos bondes em Minas Gerais. Inicialmente, dois eram os caminhos percorridos: da Ponte do Queiróz (sobre o Córrego Independência) até a Estação e vice-versa. O primeiro horário, das 4h15, anunciava as próximas saídas, que seguiam, ininterruptamente, até as 21h57: eram 29 viagens diárias que prezavam pela pontualidade.

O ranger dos bondes, porém, chegou acompanhado de desordem. Tudo era novidade. Os proprietários de carros de aluguel não aprovaram o empreendimento: seus passageiros protestavam insatisfação ao cruzar as linhas, instaladas acima do nível das ruas, que também eram barreiras no caminho dos pedestres. Apressadas, pessoas caíam ao tentar subir no carro em movimento, ao som de gritinhos estridentes das senhoras arregaçando suas saias ao descer pelos estribos. Esses e outros incidentes levariam o jornalista Albino Esteves a nomear de calvário o vai e vem dos bondes em seus trajetos.

A instalação da Companhia Mineira de Eletricidade, em 1905, levou à compra do acervo da Ferrocarril, popularizando o transporte que, agora, era elétrico. Em 6 de junho de 1906, os veículos movidos a eletricidade

circulavam ainda sem horário definido. A eletricidade ampliou o alcance do transporte. Vários bairros se mobilizaram encaminhando abaixo-assinados à Companhia, e assim, em 1910, São Mateus ganhou sua própria linha. Em 1913, o transporte chegaria ao bairro Santa Terezinha e ao Cemitério Municipal; em 1927, ao Vitorino Braga e à Avenida Sete de Setembro.

Apelidados de bondinhos, os veículos eram importados da Inglaterra. Os carros maiores comportavam 60 pessoas sentadas, transportando até cem passageiros em dias tumultuados. Brigas no interior eram habituais em tempos de carnaval ou jogos de futebol. Carros completamente abertos impediam qualquer tipo de privacidade e, apesar de toldos garantirem roupas secas nos dias chuvosos, beijar e fumar eram proibidos e atentamente espreitados pelos condutores, responsáveis também por recolher os valores das passagens. Da cabine, os motorneiros, além de guiar os bondes que chegavam à velocidade de 30 km/h, podiam conhecer os hábitos dos passageiros mais assíduos. Faltas de energia resultavam em trânsito tumultuado, acidentes e passageiros insatisfeitos, já que o valor da corrida não era devolvido.

Contudo, o aumento da popularidade dos automóveis levou os elétricos a perderem espaço no ambiente urbano. Em 1969, o último dos bondes realizou a derradeira travessia pelas ruas da cidade. Ao final do mesmo ano, os trilhos seriam retirados. Tombados pelo município, os bondes ganharam um museu no Bairro São Mateus em 1983, desativado meses depois. Os veículos foram transferidos para o Parque da Lajinha, onde ainda se encontram em exposição para a nostalgia da memória.

GA

ENTREVISTA DANIEL PIZA

Daniel Piza iniciou sua carreira de jornalista em *O Estado de S. Paulo*, em 1991, trabalhando ainda na *Folha de S. Paulo* e *Gazeta Mercantil*. Em 2000, retornou ao Estado como editor executivo e colunista, cargos que ocupa até hoje. O Seminário Euclides da Cunha – Cem Anos Sem trouxe Piza a Juiz de Fora para expor sua experiência com a produção do livro *Um Paraíso Perdido – Amazônia de Euclides*, quando concedeu a seguinte entrevista ao *Palco*.

A necessidade da velocidade do jornalismo e a concorrência com os meios digitais estão afetando o jornalismo impresso?

Afeta, mas não pelas razões que as pessoas estão apontando. Hoje em dia, do biólogo ao padreiro, todos têm um computador na sua frente. O cara é bombardeado de informações o dia inteiro e quando pega o jornal do dia seguinte tem a impressão, falsa, de que já sabe tudo aquilo. Multiplicar as fontes de informação não significa que todo mundo está dizendo coisas novas o tempo todo. Muito pelo contrário, há um alto nível de redundância.

Atualmente, presenciamos um jornalismo muito atrelado às agendas culturais e agências de notícias. Existe um caminho alternativo para a questão?

É o que tenho visto pelo Brasil todo: um jornalismo cultural em torno de celebridades e muito centrado nos jornais e seus compromissos não só políticos, mas também sociais. A única coisa a se fazer é resistir. Mesmo naquela matéria mais convencional, colocar um olhar diferente, um apuro de linguagem, uma retranscrição diferente, ser mais criativo de alguma



forma. O melhor texto tem o frescor do primeiro e a urgência do último. Vá criando que, aos poucos, as pessoas irão perceber que aquilo não é heterodoxo e, pelo contrário, é o que o público está querendo.

Como você analisa a queda do diploma de jornalista?

Eu nunca fui a favor da obrigatoriedade do diploma. Eu acho que é importante e que o mercado sempre vai tender a absorver pessoas já formadas na área. O que não significa que não se deva melhorar muito essa formação. A obrigatoriedade levava a um comodismo, que era exclusivo do Brasil. Eu acredito no jornalismo como uma complementação da formação. O jornalismo é uma técnica riquíssima, diversa, com vários registros, que não são ensinados nas universidades brasileiras.

Como foi a experiência de colaborar com o projeto de *Capitu*, microssérie adaptada da obra de Machado de Assis?

Foi meio maluco porque o Luiz Fernando Meireles é um raro autor da TV e do cinema. Acho que eu o ajudei a tomar algumas decisões, mas também me frustrei com outras. Ele foi muito feliz em transpor os recursos do Machado, como colagem, metalinguagem, alusões e cortes no tempo. Mas não gostei da caracterização dos personagens: alegorizou demais. O Machado tem uma camada de realismo por cima. Em alguns momentos, faltou simplesmente contar uma história e deixar as sutilezas aparecerem nas brechas.

GA

AGENDA



CINE-THEATRO CENTRAL
Praça João Pessoa, s/n.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

06.03, 21h Ummagumma, Pink
Floyd Cover
20.03, 21h Terça Insana
21.03, 19h Danilo Gentili

FORUM DA CULTURA
Rua Santo Antônio, 1.112
(32) 3215-3850
www.forumdacultura.ufjf.br
Terça a sexta: 14h às 20h30

MUSEU DE CULTURA POPULAR
02.03 a 01.04 Ofícios

GALERIA DE ARTE
02.03 a 12.03 Paisagens
e Casarios
16.03 a 01.04 Maquetes
Cenográficas

TEATRO
27 e 28.03 25º Seminário Os
Caminhos do Teatro

MAMM
MUSEU DE ARTE
MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229 9070
www.mam.ufjf.br
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13 às 18h

EXPOSIÇÕES

Canudos
Galeria Poliedro

Registros de Canudos
Galeria retratos-relâmpago

O universo francês
de Murilo Mendes
Galeria Convergência

CORAL UNIVERSITÁRIO TALENTO E EMOÇÃO

Uma história de consagração à música. Assim poderiam ser definidos os mais de 40 anos de trajetória do Coral Universitário da UFJF. O grupo, que nasceu na década de 1960 de um pequeno coro religioso que se apresentava na Igreja da Glória e no Colégio Santa Catarina, hoje faz parte do acervo cultural da cidade e é mostra do talento que sempre moveu o projeto.

Sob a batuta do maestro Victor Giron Vassalo e com apenas alguns anos desde sua criação, o então Coral Pio XII passou a realizar seus ensaios na hoje extinta Galeria de Arte Celina. Pouco tempo depois, mudaria de nome: em 1966, o Coral Pio XII realizou uma apresentação histórica para o reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora, professor Moacir Teixeira de Andrade Reis – naquele mesmo ano, o grupo se uniu à instituição, tornando-se o Coral Universitário.

Até 1996, o grupo foi regido por Victor Giron e seu repertório era mais erudito e tradicional. Com o falecimento do maestro, a professora Ana Maria Oliveira Ramos assumiu a direção e imprimiu nova roupagem ao Coral. Ao primar por uma coleção de músicas populares, o grupo moldou uma identidade, em que há espaço para o erudito e para o cancionista popular. Para Carlos Alberto Romanelli, que integrou o grupo por quase 20 anos, as mudanças que o Coral Universitário sofreu ao longo de sua história contribuíram para o amadurecimento do projeto. "Em mais de 40 anos, podemos notar que o coral foi feliz em qualquer dos estilos que adotou. Isso, sem dúvida alguma, pela qualidade dos regentes que teve."

Há quase dez anos à frente do grupo, André Pires é também responsável pelos arranjos de alta qualidade apresentados pelo Coral. Já no início de sua experiência como regente, André diz ter desenvolvido uma ligação única com a tarefa. "Foi o tempo necessário para que eu me apaixonasse pelo grupo, pelo trabalho, pelas pessoas individualmente, que se tornavam meus amigos", confessa. A dedicação ao grupo envolveu também a família do maestro, que participou da formação do Coral, em momentos diferentes.

Com um histórico de participação em diversos concursos e festivais, o Coral Universitário coleciona momentos inesquecíveis. André Pires relembra, por exemplo, o último ensaio antes da apresentação do Concurso Latino-americano de Interpretação Coral, realizado na Argentina em 2004. "Todos nós estávamos assentados no saguão do hotel e cantando pianinho, quase sussurrando para não sermos ouvidos pelos corais concorrentes, principalmente a peça de confronto. Emocionante!", recorda. Neste mesmo concurso, o Coral Universitário ganhou quatro prêmios, entre eles a classificação em primeiro lugar na categoria de "Coral Adulto Misto" e a medalha de ouro de Melhor Regente. Com outras

premiações no currículo, como o segundo lugar no Concurso Nacional de Corais na TV, promovido pela Rede Globo, o Coral Universitário tem dois álbuns lançados: *À moda da casa* (2001), que privilegia composições de artistas locais, e *Tear* (2004), com um repertório que inclui música folclórica, erudita e popular.

E com tanto tempo e experiências acumuladas o que não faltam são histórias, sempre rememoradas por seus antigos e atuais integrantes. Romanelli lembra dos ensaios realizados no prédio do Forum da Cultura, que muitos diziam ser mal-assombrado, o que costumava assustar os novatos. "Bom, fato é que quando estávamos ensaiando na sala do coral, víamos, de relance, um vulto negro passar no corredor fora da sala. Olhávamos rapidamente e o vulto sumia. Era uma gozação geral", lembra.

AMERICA CANTAT

Em maio deste ano, Juiz de Fora sediará a sexta edição do festival *America Cantat*, um encontro internacional de coros. O evento nasceu em 1992, em Mar del Plata, na Argentina, para celebrar os 500 anos da chegada de Colombo ao Novo Mundo. Com a proposta de promover a integração das plurais culturas americanas, o festival percorreu ainda a Venezuela, o México e Cuba, além de uma segunda passagem por seu primeiro país-sede.

Durante os oito dias de festival (de 7 a 15 de maio), corais completos, grupos, diretores e estudantes apresentarão seus trabalhos nos palcos de Juiz de Fora, que terão o Cine-Theatro Central como cenário principal. Entre as atividades, estão previstos eventos culturais, mesas de debates e, é claro, concertos. Oficinas de Preparação de Obras (OPO) também serão oferecidas aos participantes, e seus estudos serão executados nas apresentações do *America Cantat*.

Segundo André Pires, o Coral Universitário, anfitrião do evento, está completamente envolvido com as apresentações que realizará no festival e que prometem grandes momentos. "Estamos ensaiando uma *Fuga* de Villa-Lobos, composta em 1946 e dedicada a sua mulher, Mindinha. Uma obra da qual só se tem um único registro de apresentação, quando foi regida pelo próprio compositor", revela. O maestro introduziu sons silábicos, dividiu as vozes e construiu a dinâmica da peça a partir de uma cópia do manuscrito do compositor. "Havia lá apenas a estrutura básica musical da fuga, as notas e os valores, sem indicação de letra ou mesmo de vocalises, de dinâmica, fraseado, articulações, etc. Talvez isso explique o fato de ela nunca mais ter sido cantada", justifica.



MF